

2. (Atos 1:15-26; Atos 2:1-4) Dos Doze aos Cento e Vinte: A Lógica Humana e a Surpreendente Ação do Espírito

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 24/10/2025 20:59

1. Introdução: A Comunidade em Espera no Cenáculo

Após testemunharem um dos eventos mais fantásticos da história — a ascensão de Jesus aos céus a partir do Monte das Oliveiras —, os apóstolos retornaram a Jerusalém. A distância era curta, cerca de um quilômetro, mas o peso da responsabilidade e da expectativa era imenso. Eles carregavam uma instrução clara do Mestre: não deveriam voltar para suas casas na Galileia, mas permanecer na cidade até que a promessa do Pai se cumprisse. Embora não soubessem exatamente o que ou quando aconteceria, a obediência os manteve unidos.

Este período de espera durou aproximadamente dez dias. Jesus havia aparecido a eles por quarenta dias após sua ressurreição, que ocorreu no domingo de Páscoa. Com sua partida, iniciou-se uma contagem regressiva para a próxima grande festa judaica, o Pentecostes, celebrada cinquenta dias após a Páscoa. Foi nesse intervalo que a primeira comunidade cristã começou a tomar forma de maneira mais concreta.

Reunidos no Cenáculo, um grupo de cerca de 120 pessoas perseverava em oração. Este momento pode ser visto como o início embrionário do que hoje conhecemos como a igreja local: uma comunidade de fé reunida em um lugar específico. É importante distinguir este conceito da Igreja com "I" maiúsculo, o corpo místico e invisível de Cristo, que abrange todos os redimidos pela fé em Jesus, espalhados pela face da Terra, sem endereço ou paredes. Ali, naquele Cenáculo, o que nascia era a expressão visível e localizada dessa realidade espiritual universal, um pequeno grupo que, em breve, seria o epicentro de uma transformação global.

2. O Protagonismo Inclusivo: A Presença das Mulheres na Igreja Nascente

Dentro da descrição dessa comunidade primitiva, o autor do livro de Atos, Lucas, faz uma anotação de imensa relevância social e teológica. Ele especifica que os apóstolos perseveravam "unânimes em oração com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele". Esta menção, que poderia passar despercebida para um leitor moderno, era revolucionária no contexto do primeiro século. A palavra grega utilizada, *gyné*, pode ser traduzida tanto como "mulheres" quanto como "esposas", indicando a provável presença não apenas das seguidoras de Jesus, mas também das famílias dos apóstolos, formando um núcleo comunitário completo.

Para compreender a profundidade dessa inclusão, é preciso recordar o status da mulher na antiguidade. Sua palavra não era considerada confiável a ponto de servir como testemunho em um julgamento, e em público, era esperado que se dirigisse a um homem com submissão, quase como se fosse uma propriedade. Elas frequentemente não eram sequer contadas em grandes ajuntamentos. Um exemplo claro disso é o relato da multiplicação dos pães, onde o evangelista descreve a presença de "cinco mil homens", embora historiadores estimem que a multidão total, incluindo mulheres e crianças, pudesse chegar a 15 mil pessoas. As mulheres simplesmente não entravam na contagem oficial.

Ao fazer questão de registrar a presença ativa e orante das mulheres no coração da igreja nascente, Lucas desafia diretamente essa norma cultural. Ele não apenas as conta, mas as posiciona como parte integral e fundadora da comunidade de fé. Esta atitude literária serve como um forte argumento contra a ideia de que a Bíblia promove uma visão machista. Pelo contrário, desde seus primórdios, a narrativa cristã demonstra um movimento de valorização e inclusão que era radicalmente contrário aos valores de sua época.

3. A Iniciativa de Pedro: A Necessidade de Preencher a Vaga de Judas

Em meio a esse período de oração e espera, o apóstolo Pedro, frequentemente o porta-voz do grupo, levanta-se e toma a iniciativa. Apesar de a comunidade ser composta por 120 pessoas, sua preocupação recaía sobre a composição do grupo apostólico original: eles eram apenas onze. A ausência de Judas Iscariotes, que havia traído Jesus e tirado a própria vida, representava uma lacuna que Pedro sentia ser necessário preencher.

Sua convicção não era baseada em uma simples preferência organizacional, mas em uma interpretação profunda das Escrituras. Pedro recorre ao livro dos Salmos, que para os judeus da época não eram apenas cânticos, mas também textos proféticos que apontavam para o Messias. Ele enxerga nos versos que falam sobre os inimigos de Davi um prenúncio do que acontecera com Judas. Ao citar as Escrituras, Pedro argumenta que a traição e o fim trágico de Judas já estavam previstos.

Ele menciona especificamente duas passagens:

"Fique deserta a sua morada, e não haja quem nele habite." (Salmo 69:25)

"Sejam poucos os seus dias, e outro tome o seu encargo." (Salmo 109:8)

Na mente de Pedro, esses versos messiânicos se aplicavam perfeitamente à situação. Judas era o inimigo cuja morada ficara deserta, e a própria Escritura indicava que "outro" deveria tomar seu lugar e seu ministério. Foi esse *insight* teológico que o impulsionou a agir, movendo a comunidade da passividade da espera para uma ação concreta, visando restaurar o colégio apostólico ao número simbólico de doze, conforme estabelecido por Jesus.

4. O Método da Escolha: Oração, Critérios e o Lançar de Sortes

Determinada a necessidade de preencher a vaga, a comunidade, sob a liderança de Pedro, adota um processo metódico que combinava sabedoria prática e dependência divina. Primeiramente, um critério claro foi estabelecido: o novo apóstolo deveria ser uma testemunha ocular de todo o ministério terreno de Jesus, "começando no batismo de João até o dia em que foi tirado do nosso meio". A função primordial era ser, junto com os onze, uma "testemunha da sua ressurreição". Isso garantia que o substituto tivesse a mesma autoridade experiencial dos demais.

Com base nesse critério, dois homens foram propostos: José, conhecido como Barsabás ou Justo, e Matias. É importante notar que eles não foram escolhidos para se tornarem discípulos, eles já eram. Ambos possuíam um testemunho sólido e eram figuras proeminentes e consagradas dentro da comunidade, tendo caminhado com Jesus desde o início.

O passo seguinte foi submeter a decisão final a Deus. Eles oraram, reconhecendo a soberania divina sobre a percepção humana: "Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual dos dois escolheste". Após a oração, recorreram a um método tradicional no judaísmo para discernir a vontade de Deus: o lançar de sortes. Essa prática, presente em várias passagens do Antigo Testamento, como na consulta sacerdotal através do Urim e Tumim ou na escolha do animal para o sacrifício, era vista como uma forma de permitir que Deus interviesse diretamente, removendo o viés humano da escolha. O resultado foi claro: a sorte caiu sobre Matias, que foi oficialmente contado entre os doze apóstolos, completando o grupo para o serviço e o apostolado.

5. Um Ato de Fé ou Precipitação? As Duas Perspectivas Sobre a Escolha de Matias

A decisão de escolher um substituto para Judas gerou, ao longo da história da igreja, duas principais correntes de interpretação. Não se trata de uma discussão que afete a essência da fé, mas revela diferentes maneiras de enxergar a interação entre a iniciativa humana e a direção divina.

A primeira corrente defende que Pedro e os apóstolos agiram de forma correta e inspirada. Argumenta-se que eles estavam com as melhores intenções, buscando fundamentação nas Escrituras e submetendo a escolha a Deus por meio da oração e do lançar de sortes, um método aceito em sua cultura religiosa. Nessa perspectiva, Deus honrou a fé e o zelo da comunidade, confirmando Matias como o décimo segundo apóstolo. A ação é vista como um passo de obediência e organização responsável em preparação para a missão que viria.

A segunda corrente, por outro lado, sugere que a escolha pode ter sido uma precipitação. Os defensores dessa visão apontam que a única ordem explícita de Jesus foi "esperar em Jerusalém" pela promessa do Espírito. Ele não deu nenhuma instrução para que preenchessem a vaga de Judas. Portanto, a iniciativa de Pedro, embora bem-intencionada, teria sido um ato humano para resolver um problema que Deus talvez planejasse solucionar de outra forma. Muitos que seguem essa linha de pensamento acreditam que o verdadeiro décimo segundo apóstolo, escolhido diretamente por Cristo, seria Paulo, chamado de forma sobrenatural na estrada de Damasco.

Nessa leitura, a atitude de Pedro não é vista como um pecado, mas como um reflexo da nossa tendência humana de querer "fazer alguma coisa" quando somos chamados a simplesmente esperar. Independentemente da perspectiva adotada, o fato é que a narrativa de Lucas registra o evento sem fazer um juízo de valor, simplesmente relatando o que a comunidade fez naqueles dias de intensa expectativa.

6. A Chegada do Pentecostes: Quando a Ação de Deus Supera a Lógica Humana

A forma como Lucas narra a sequência dos eventos é crucial. Ele não encerra o capítulo sobre a escolha de Matias para então iniciar um assunto completamente novo. Pelo contrário, a transição para o dia de Pentecostes é fluida, conectada por uma partícula de ligação que, no grego original, sugere uma continuação direta da história. É como se Lucas estivesse dizendo: "E então, enquanto eles estavam organizados dessa forma, aconteceu isto...".

E o que aconteceu foi uma demonstração espetacular da soberania divina, que expandiu radicalmente as expectativas humanas. A comunidade havia se esforçado para restaurar o número simbólico de doze apóstolos, um ato lógico e bem-intencionado. Contudo, quando o Espírito Santo finalmente desceu, Ele não se limitou a ungir apenas os doze. O texto é enfático ao dizer que "todos ficaram cheios do Espírito Santo". O poder prometido não era para uma elite de líderes, mas para toda a comunidade de 120 pessoas reunidas no Cenáculo.

Este é um ponto de virada fundamental na narrativa. Enquanto a preocupação humana estava focada na estrutura e na recomposição de um número, o plano de Deus era infinitamente mais inclusivo e poderoso. A ação divina não apenas validou o pequeno grupo de líderes; ela "atropelou" a lógica organizacional ao capacitar cada indivíduo presente, homens e mulheres, para a missão que estava por vir. O foco deixa de ser quem ocupa um cargo para ser quem está disponível para ser cheio do poder de Deus.

7. O Milagre das Línguas: Proclamando as Grandezas de Deus para Todas as Nações

A manifestação do Espírito Santo não foi silenciosa ou discreta. Veio acompanhada de sinais poderosos: um som do céu "como de um vento impetuoso" que encheu a casa e a aparição de

"línguas como de fogo" que pousaram sobre cada um dos presentes. Imediatamente, todos começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia.

O verdadeiro milagre, no entanto, foi duplo. Não se tratava apenas do que eles falavam, mas de como a mensagem era recebida. Aquele som atraiu uma multidão que estava em Jerusalém para a festa de Pentecostes. Eram judeus devotos e prosélitos (convertidos ao judaísmo) vindos de todas as partes do império: Partos, Medos, Elamitas, habitantes da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia, Panfília, Egito, Líbia e até mesmo romanos. Cada um deles, para sua total perplexidade, ouvia aqueles galileus falarem em sua própria língua materna.

O mais importante era o conteúdo dessa comunicação sobrenatural. O que eles ouviam? Não era uma pregação estruturada ou uma defesa teológica, mas uma explosão de louvor. A multidão testemunhou: "como os ouvimos falar sobre as grandezas de Deus nas nossas próprias línguas?". Eram os 120 membros da comunidade, não apenas os doze apóstolos, declarando em uníssono as maravilhas de Deus. Naquele momento, no nascimento público da Igreja, a mensagem que rompeu todas as barreiras culturais e linguísticas foi a pura e simples glorificação de Deus.

8. A Grande Lição: Nossos Melhores Planos Sob a Escrita Soberana de Deus

A justaposição entre a escolha de Matias e a vinda do Espírito Santo oferece a lição mais profunda desta passagem. Em nossas vidas, agimos como Pedro e os apóstolos. Buscamos fazer o nosso melhor: consultamos a Palavra, oramos por direção, pedimos conselhos, analisamos as opções e tomamos as decisões que nos parecem mais sábias e tementes a Deus. Esse processo não é errado; é um exercício de responsabilidade e fé. O perigo, no entanto, é acreditar que o sucesso da história depende exclusivamente da precisão de nossos planos.

A verdade libertadora que emerge de Atos é que Deus está constantemente escrevendo Sua história por cima da nossa. Enquanto nossa preocupação se limitava a completar os doze, o plano Dele era encher cento e vinte. Ele nos convida a participar de Sua obra, mas a escala e o poder dessa obra pertencem somente a Ele. Isso deve nos trazer um profundo descanso. Faça o melhor que puder com um coração puro e diligente, mas durma em paz, sabendo que o resultado final não está em suas mãos.

Duas analogias ilustram perfeitamente essa dinâmica. A primeira é a da mosca que entra em um avião em São Paulo. Durante toda a viagem até o Rio de Janeiro, ela voa incansavelmente dentro da cabine. Ao chegar, encontra outra mosca e se gaba: "Vim voando de São Paulo". A verdade é que ela voou, mas uma força imensamente maior a carregou. Assim somos nós: nos esforçamos, mas é a soberania de Deus que nos leva muito além de nossas próprias capacidades.

A segunda é a do pai que constrói algo com seu filho pequeno. Ele entrega a régua à criança e pede: "Risca aqui para o pai cortar". O filho faz o risco, sentindo-se parte essencial do projeto. Depois, o pai faz todo o trabalho pesado de cortar, furar e montar. No final, ele celebra com o filho: "Nós fizemos!". Deus, em Sua graça, nos permite "fazer o risco", nos incluindo em Seus grandes projetos para que, no final, possamos nos alegrar com a obra que Ele, de fato, realizou.

9. O Contraste com o "Evangelho" Moderno: Servir aos Pequenos em Vez de Buscar os Grandes

A verdade de um Deus que age de forma inclusiva e soberana contrasta fortemente com certas pregações modernas que promovem uma lógica de autoengrandecimento. Circula pelas redes sociais uma filosofia que ensina que, para crescer e ser abençoado, uma pessoa nunca deve se associar a "pessoas menores" que ela, mas apenas buscar a companhia de quem é "maior". Tal pensamento, além de ilógico — pois se todos o seguissem, ninguém se conectaria —, é a antítese do evangelho.

Essa mentalidade de se aproximar dos outros para "arrancar" algo em benefício próprio revela uma

ganância que Jesus veio confrontar. O Reino de Deus não opera na base da conquista pessoal, mas na do serviço sacrificial. Jesus ensinou que a nossa relação com as pessoas não deve ser de extração, mas de repartição. O Deus que nos enche e abençoa o faz para que transbordemos sobre os outros, não para que acumulemos para nós mesmos.

A vocação cristã nos chama na direção oposta: buscar ativamente os "pequeninos", os humildes e os que a sociedade marginaliza. Conforme ensinou Jesus, é no serviço ao faminto, ao sedento, ao doente e ao prisioneiro que encontramos e servimos a Ele. O Reino de Deus se manifesta quando repartimos o pão, o peixe e a capa, exatamente com aqueles que não têm nada a nos oferecer em troca. A igreja nascida no Pentecostes, onde 120 pessoas foram igualmente cheias do Espírito para declarar as grandezas de Deus, é um modelo de capacitação para o serviço humilde, não para a escalada social.

A Casa da Rocha. **#02 - A Escolha de Matias - Zé Bruno - Meu Caro Amigo 2** . Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i7RBdCkNu1c&list=PLIn4KGoeU_UkJCsD12Ok3YjD2k4SX5fCI&index=2. Acesso em: 07/09/2025.

Documento gerado em 20/05/2026 10:50:57 via BeHOLD